Espaço Aberto

ESTADO DE SÃO PAULO
Saúde
27 JUL 1990

As macas do PS

ADIB D. JATENE

O Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas tem sempre mais doentes em macas do que em leitos. Esse fato já foi usado para denúncia na imprensa, já causou a demissão de um superintendente, quando Jânio Quadros era governador, e vem sendo criticado há pelo menos 40 anos.

Lembrou-me das discussões sobre os inconvenientes do PS, quando, ainda estudante, nos fins dos anos 40 e início dos 50, passávamos noites debruçados sobre os doentes nas macas.

Assim familiarizado com o problema, não devia mais reagir a essa realidade, triste para uns, escandalosa para outros, perturbadora para todos.

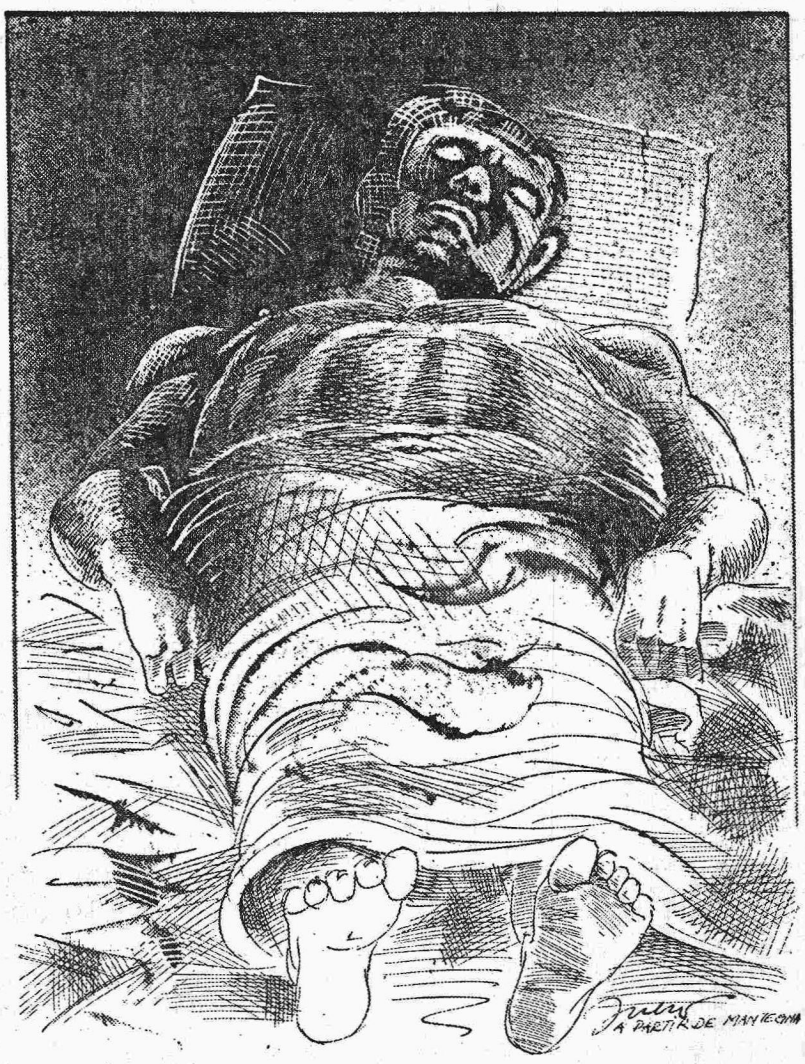
Na última terça-feira de junho, voltando da reunião do Conselho Deliberativo do HC com parte dos seus funcionários em greve pela enésima vez, e pelos mesmos motivos, atravessava o corredor do PS.

O número de macas com pacientes era maior que o habitual. O clima, o mesmo de sempre. Cuidando de um paciente na maca estava a Joaninha, auxiliar de enfermagem já no meu tempo de estudante. Verdadeiro símbolo dos funcionários do Hospital das Clínicas, sempre solícita e bem-humorada, cumprimentou-me com efusão, beijou-me com verdadeiro afeto e me perguntou: "Quantos netos?" Respondi-lhe: "Sete". Referiu-se com simpatia aos meus dois filhos, que conhecera quando eram residentes, freqüentavam o PS e conviviam com suas macas.

Ainda pensando no verdadeiro espírito de fraternidade encarnado pela Joaninha, e por isso já sensibilizado, apanhei um prontuário que havia caído ao chão e olhei o nome do paciente.

Era um dos muitos anônimos que conseguiram deitar-se numa maca do PS. Certamente sem amigos que lhe proporcionassem outro local de atendimento, vinha ao PS do HC em busca de lenitivo. E o encontrara. Antes a maca do PS que o abandono. Melhor a maca do PS que o sofrimento solitário. Nos grandes hospitais privados, nem pensar. Nos ambulatórios e postos de saúde sobrecarregados e sem recursos para atender a uma emergência, precisava agendar. Agora, dizem que há telefone para marcar consulta. A emergência não espera, por isso, bendita maca do PS.

De pronto, senti o que representa a maca do PS. Em que pese a dedicação das muitas Joaninhas do HC, desde o seu superintendente ao funcionário mais modesto, a maca do PS é um símbolo e um libelo.



Símbolo da luta desigual do pessoal da saúde para atender aos que sofrem. Símbolo de fraternidade e solidariedade que não se furta a atender mesmo em condições desfavoráveis e que não se rende, resiste, espera, acredita e atua com o desassombro de quem cumpre uma missão, não um horário. Símbolo de dignidade que não recusa o amor ao próximo e faz doação do seu trabalho, não ao governo, mas ao doente, enquanto reivindica do governo. Libelo contra a indiferença, a incapacidade de resolver o problema, não só dos muitos governos que conviveram com ele, mas de todos os que, na sociedade, dispondo de recursos, posição social, capacidade profissional, não sentem com a intensidade devida os problemas sociais.

Estamos acostumados a procurar culpados, e não a oferecer soluções

Estamos acostumados, no Brasil, a procurar os culpados, e não a oferecer soluções. E o que precisamos são soluções.

No limiar de nova campanha eleitoral, esperemos que os candidatos não nos brindem com retaliações pessoais e nos ofereçam propostas realistas, e não demagógicas. E que sejam capazes de mobilizar os que, na sociedade, tenham condições de colaborar com a população.

Hospitais e creches deveriam ser instalados e administrados pela comunidade estimulada e coordenada pelo governo, que deve criar condições para essa participação. Recentemente, em visita à cidade de Matão, tomei conhecimento da existência do Grupo de Empresários de Matão que "adotou" os problemas sociais da cidade dentro de um lema que eu resumi na frase "a cidade não é do prefeito, é dos munícipes". Os que conseguiram progredir e acumular verdadeiras fortunas têm compromisso maior do que pagar impostos. Assumindo esse compromisso, ajudam a administração pública, diminuem as tensões sociais e criam um clima de fraternidade que melhora a qualidade de vida de todos.

O governo, sozinho, não tem orçamento para solucionar todos os problemas. A mobilização da sociedade é uma das tarefas das campanhas eleitorais.

Talvez essa conjugação de esforços permita resolver problemas que se arrastam e se agravam há mais de 40 anos, como o atendimento das emergências, e, assim, possamos ter as macas do PS apenas como uma lembrança do passado.

Adib D. Jatene é diretor do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas de São Paulo